

A. M. PIRES CABRAL ADALBERTO ALVES ALBERTO EDEL MORALES FUENTES ALEYDA QUEVEDO ALFREDO PÉREZ ALENCART ALICE MACHADO AMADEU BAPTISTA AMÉLIA VIEIRA ANA LUÍSA AMARAL ANA MARIA PUGA ANA PERES DE SOUSA ANDRÉ ALVES ANDRÉ DOMINGUES ANTÓNIO CABRITA ANTÓNIO CARLOS CORTEZ ANTONIO DE ALMEIDA MATTOS ANTÓNIO FERRA ANTÓNIO MANUEL RIBEIRO ANTÓNIO SALVADO ARTUR FERREIRA COIMBRA CASIMIRO DE BRITO CECÍLIA BARREIRA CYNDI MORALES AYALA CLÁUDIO LIMA CONCEIÇÃO BRANDÃO DANIEL GONÇALVES EDMUNDO RETANA ELENA LILIANA POPESCU EMA ALBA LOBO ERNESTO RODRIGUES FERNANDO PAIXÃO GABRIELA ROCHA MARTINS GIANNI DARCONZA HUSSEIN HABASCH INEZ ANDRADE PAES ISABEL CRISTINA MATEUS ISABEL CRISTINA PIRES JOÃO DE MANCELOS JOÃO RASTEIRO JOÃO RICARDO LOPES JORGE FRAGOSO JORGE PAULO JORGE VICENTE JOSÉ MARIA MUÑOZ QUIRÓS JOSÉ RUI ROCHA JUAN ANTONIO BERNIER LEONORA ROSÁDO LEONOR CASTRO LUÍS VALLE MANE MANUSHEV MARIA AUGUSTA SILVA MARIA CARPI MARIA JOSÉ QUINTELA MARIA ROSÁRIO PEDREIRA MARIA TERESA DIAS FURTADO MARÍLIA MIRANDA LOPES MBATE PEDRO NUNO BRITO ORLANDO BARROS PIERINA MARMO POMPEU MIGUEL MARTINS RAQUEL LANSEOS RAQUEL SEREJO MARTINS RICARDO GIL SOEIRO RITA TABORDA DUARTE ROSA ALICE BRANCO ROSANA ACQUARONI RUBÉN DARÍO RUI ESTEVES RUI MIGUEL FRAGAS RUI ROCHA SARA F. COSTA STEFANIA DI LEO TERESA MACEDO TIAGO ALVES COSTA ARMANDO PEGO PUIGBÓ ÉLIANE ROBERT MORAES ISABEL CRISTINA MATEUS JACQUELINE ALENCAR JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS LEOCÁDIA REGALO MARIA JOÃO CABRITA PEDRO MARQUES PINTO RISOLETA C. PINTO PEDRO VICTOR OLIVEIRA MATEUS VICTOR OLIVEIRA MATEUS JOSÉ ÁNGEL GARCIA CABALLERO ANA PAULA DIAS JOÃO DE MANCELOS ANA PAULA COSTA CARLOS NUNO GRANJA ELTÂNIA ANDRÉ MARIA LUCÍLIA F. MELEIRO WHISNER FRAGA EMERENCIANO FERNANDO QUINTAS JOÃO LIMA MIGUEL ELÍAS



CINTILAÇÕES



REVISTA DE POESIA, ENSAIO E CRÍTICA

COORDENAÇÃO DE VICTOR OLIVEIRA MATEUS
E MARIA JOÃO CABRITA

A imagem transcende qualquer intento de representação do sexo feminino, embora a sua nunca deixe de evocar. Mas, se o faz, e ainda que indiretamente, é para convertê-lo em um observatório a partir do qual se pode contemplar qualquer prótina do universo, incluindo o que está aquém ou além do próprio sexo. Nesse sentido, pode-se dizer da escritora o mesmo que Italo Calvino afirma sobre todos os autores que, mediante os símbolos sexuais, procuram fazer falar alguma outra coisa, uma vez que "essa coisa pode ser redefinida, em última instância, como outro eros, um eros último, fundamental, mítico, inalcibável".

Mas por isso, a metáfora de Hilda Hilst revela sua notável aptidão no poder transformador da arte que, até o derradeiro minuto, consegue transportar o eu lírico para um lugar outro, invisível e secreto, onde a morte finalmente se mostra aborçável. Nessa passagem, serpente e sibilas se fundem em uma só criatura, que já não mais pertence ao mundo natural nem ao divino porque se dobra por inteiro aos artifícios mais humanos – a saber, o bordado, o barco e a poesia.

GENTE MELANCOLICAMENTE LOUCA OU A ARTE DO CONTO DE TERESA VEIGA

Isabel Cristina Mateus
Universidade do Minho

Teresa Veiga é hoje uma das vozes mais singulares da narrativa portuguesa contemporânea, uma contista exímia, da linhagem dos grandes mestres do conto (como Tchekov, Maupassant ou Machado de Assis para dar apenas alguns exemplos e destacar a valorização da densidade psicológica na composição das personagens). De resto, vários dos seus livros mereceram o aplauso da crítica que em alguns casos a apelidou de “genial”, mas também o reconhecimento de prémios, como o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco (Associação Portuguesa de Escritores), atribuído em 2016 ao livro *Gente Melancolicamente Louca*, editado pela Tinta-da-China. Reconhecimento que haviam merecido igualmente *História da Bela Fria*, (Cotovia, 1992) bem como *Uma aventura secreta do Marquês de Bradomín*, (Cotovia, 2008).

Um tal reconhecimento não deixa de ser curioso, não tanto pela reincidência, mas sobretudo tendo em conta o perfil algo misterioso, discreto que a escritora, tem procurado manter ao longo do seu percurso literário, deliberadamente afastada dos palcos mediáticos, remetendo-se ao silêncio e a um perfil de anonimato que fazem de Teresa Veiga, pseudónimo literário de uma autora que persiste em querer preservar a sua identidade, a nossa “Elena Ferrante”.

Em *Gente Melancolicamente Louca* ou na (re)edição mais recente de *O Último Amante* (Tinta da China, 2017) que inclui duas novelas inéditas, Teresa Veiga revela, uma vez mais, um perfeito domínio dessa “arte do pouco” que é o conto, naquilo que ela implica de contenção ao nível da ar-

quitectura do tempo e do espaço mas também do sentido do ritmo narrativo, arrastando de imediato o leitor numa leitura que tem tanto de voraz como de cúmplice.

Na sua aparente simplicidade, os contos de Teresa Veiga confrontam o leitor com um conjunto de personagens interiormente densas, opacas, fechadas sobre si próprias como conchas. São sobretudo (mas não exclusivamente) mulheres, personagens isoladas ou enclausuradas no seu próprio silêncio, solidão ou mistério, quando não confinadas ao espaço de auto-reclusão da casa (ou de uma divisão da casa, como acontece com Dinora e a casa de Negromonte em *Objector de Consciência*, com Kitty, a bailarina do Wonderbar em *A morte do Cisne*, com Natacha fechada no quarto da casa do pai adoptivo, no conto homónimo, com o rapaz de *História triste* com final alegre ou mesmo com um Sherlock Holmes desistente e misantropo em *O dia em que Sherlock Holmes foi salvo pelo Capitão Fracasse*). Personagens aprisionadas (ou para utilizar uma expressão cara a Edgar Poe, outro mestre do conto, “emparedadas”) nos complexos corredores da sua interioridade mesmo quando postas em situação de confronto com um *outro* masculino (ou feminino, em alguns casos) que se configura como determinante para as suas vidas; quase sempre personagens em busca de uma qualquer alteridade que lhes devolva um sentido para a existência, de uma qualquer forma de utopia que as resgate do vazio do presente.

A voz narrativa que encontramos nestes contos, todavia, vai dissecando de forma incisiva, com o bisturi fino da ironia, as secretas motivações, contradições, emoções, pulsões destas personagens, num gesto cirúrgico e implacável da natureza humana que convoca a cumplicidade do leitor desde a primeira linha, envolvendo-o, ao mesmo tempo que desmonta e põe a nu os processos de construção narrativa. É este jogo irónico, de certa forma paradoxal, que se instala entre a voz narrativa e as personagens, entre opa-

cidade e revelação, aparência e realidade que constitui a marca de água da escrita de Teresa Veiga. Um jogo que põe em relevo a elegância e a invulgaridade no panorama das letras portuguesas de uma linguagem despojada, precisa, que valoriza a economia narrativa e não faz concessões ao artifício retórico e ao derrame poético ou subjectivo, como se pode ver no modo como é apresentada a mãe de Ruben, o protagonista do conto “Objector de Consciência”: “A mãe deve ser apresentada como uma mulher de ideias avançadas para o meio, muito elegante e excêntrica ou então de temperamento melancólico e com tendência para a depressão. Pode chamar-se Ester ou Cibele ou Eunice ou Dinora e um destes nomes será atribuído à filha, de dezasseis anos, que terá um papel bastante secundário, talvez meramente referencial” (p. 9).

O universo ficcional destes contos coloca o leitor perante um permanente esbater das fronteiras entre a ilusão e a realidade, numa tessitura de espaços e de palcos, de personagens e de situações onde nada é aquilo que parece ser, numa constante encenação (e desconstrução) da verdade que não deixa de fazer apelo a esse mundo da ilusão por excelência que é o teatro. Racine é, aliás, a referência intertextual a partir da qual se constrói o conto “*História Triste com Final Alegre*”, da mesma forma que em “*O dia em que Sherlock Holmes foi salvo pelo Capitão Fracasse*”, se torna explícito o jogo especular com a obra de Gauthier e a sombra do barão arruinado que abandona o seu castelo decadente para seguir uma trupe teatral. O detective, por seu turno, recluso em casa, cedendo à melancolia ou, talvez melhor, a uma crise de misantropia, há-de recriminar o seu fiel Watson e nas circunstâncias, narrador, em termos que não deixam de ser, a este respeito, tão eloquentes como estes: “*vejo, caro Watson, que nem a medicina nem as viagens o curaram do seu pequeno vício, a tendência para se fiar nas aparências e acreditar que em princípio o que parece*



é” (p.84) ou ainda, de lhe impor como condição, antes de ler a carta desejada, que o não faça em voz alta porque “o que vê é o que resta de *Sherlock Holmes depois de ter morto o detective genial*” (p. 85).

A beleza e o envelhecimento, assim como o simulacro e a fraude, a teatralidade e o jogo de espelhos são temas que atravessam estes contos, chegando mesmo três deles a apresentar-se provocadoramente ao leitor com o subtítulo de “falso conto libertino”, “falso conto gótico” ou “falso conto policial”.

A escrita de Teresa Veiga incorpora assim, de forma fulgurante, ressonâncias intertextuais várias numa trama de tempos, de géneros e de registos distintos que vão do romance de capa e espada, do romance gótico, histórico ou policial, à tragédia ou às histórias infanto-juvenis, construindo um pessoalíssimo universo ficcional onde constantemente se insinua este jogo de espelhos, de máscaras e de personagens, de casas abandonadas e cenários decadentes ou “rétro”, de memórias e de imagens. E nesta coexistência dialogante de géneros, de personagens e de tempos, os contos de Teresa Veiga, longe de se situarem fora da história, constituem uma inquietante interrogação do presente que é o nosso, das nossas formas de vida, das nossas contradições ou vícios, dos fantasmas do passado que nos habitam, dos nossos desejos também. Os contos de Teresa Veiga constituem uma inquietante e acutilante revisitação da memória, uma incessante e ilusória busca de identidade que passa obrigatoriamente pelo passado e pela desocultação de tudo o que há nele de secreto, de interdito ou de silenciado. Os contos de Teresa Veiga constituem uma poderosa interrogação daquilo que em nós procura resistir à mecanização ou massificação dos dias, à fria normalização dos gestos ou à assepsia da linguagem. Uma interrogação também do conto como forma narrativa breve, mutante, que hoje vive cada vez mais das ruínas do instan-

te, da perda de identidade e da memória, da vertigem e da aceleração que tomaram conta do espaço urbano que é o nosso.

O leitor encontrará nas narrativas breves de Teresa Veiga (contos ou novelas) um universo habitado por gente melancolicamente louca, gente de certa forma marginal ou exilada no tempo que não deixará de o seduzir ou perturbar. Porque na sua louca melancolia, esta gente, estas personagens nos dão a ver o que de mais desesperado, de mais íntimo, de mais insensato, rebelde ou secreto as habita. Aquilo que elas representam de mais inconformada ou resilientemente individual mas também de intemporalmente humano. Afinal, sempre foi essa a grande arte do conto; essa a grande arte de Teresa Veiga.

